

Cesare Pavese

A LUA E AS
FOGUEIRAS

tradução de
José Lima

LIVROS DO BRASIL

I

Há uma razão para eu ter voltado para esta aldeia, para aqui e não para Canelli, para Barbaresco ou para Alba. Não nasci aqui, quase de certeza; onde nasci não sei; não há por estes lados uma casa, nem um pedaço de terra, nem ossos nenhuns que eu possa dizer «aqui está o que eu era antes de nascer». Não sei se venho da colina ou do vale, dos bosques ou de uma casa avarandada. A rapariga que me deixou nos degraus da sé de Alba se calhar nem sequer era do campo, se calhar era filha dos donos de um palacete, ou então fui levado para ali num cesto vindimo por duas pobres mulheres de Monticello, de Neive, ou quem sabe de Cravanzana. Quem poderá dizer de que carne sou feito? Corri mundo o suficiente para saber que todas as carnes são boas e se equivalem, mas é por isso que a gente se cansa e procura ganhar raízes, ter terra e um lugar, para que a sua carne valha e dure alguma coisa mais do que uma vulgar mudança de estações.

Se cresci nesta aldeia, devo agradecê-lo à Virgilia, ao Padrino, a toda a gente que já cá não está, embora eles só tenham ficado comigo e me tenham criado porque o asilo de Alessandria lhes pagava uma mesada. Por estas colinas, quarenta anos atrás havia danados que para verem um escudo de prata tomavam a seu cargo um bastardo do asilo, a juntar aos filhos que já tinham. Havia quem ficasse com uma menina para terem uma criadita e para melhor a dominarem; a Virgilia quis ficar comigo porque filhas já tinha duas, e quando eu fosse mais crescido esperavam arranjar um lugar numa quinta das grandes e trabalharem lá todos e terem uma boa vida. O Padrino tinha nessa altura o casinhoto de Gaminella — duas divisões e uma corte — a cabra e aquele campo das avelaneiras. Cresci com as raparigas, roubávamos polenta, dormíamos

na mesma enxerga. Angiolina, a mais velha, tinha um ano mais do que eu; e só aos dez anos, no inverno em que morreu a Virgilia, percebi por acaso que não era irmão dela. A partir desse inverno a ajuizada Angiolina teve de deixar de andar connosco pela margem e pelas matas; cuidava da casa, fazia o pão e os robiolas, era ela que ia receber o meu escudo à câmara; eu gabava-me à Giulia de valer cinco liras, dizia-lhe que ela não rendia nada e perguntava ao Padrino porque não ficavam com mais bastardos.

Agora sabia que éramos miseráveis, porque só quem é miserável é que cria os bastardos do asilo. A princípio, quando ao ir a correr para a escola os outros me chamavam bastardo, eu julgava que fosse um nome como velhaco ou vagabundo e respondia-lhes na mesma moeda. Mas era já rapaz feito e a câmara tinha deixado de nos pagar o escudo, e eu não tinha ainda compreendido bem que não ser filho do Padrino e da Virgilia queria dizer não ter nascido em Gaminella, não ter saído de debaixo das avelaneiras ou da orelha da nossa cabra como as raparigas.

O ano passado, quando voltei pela primeira vez à aldeia, fui quase às escondidas ver as avelaneiras. A colina de Gaminella, uma longa encosta ininterrupta de vinhedos e de campos, uma encosta tão impercetível que levantando a cabeça não se lhe vê o cimo — e em cima, sabe-se lá onde, há outras vinhas, outras matas, outras veredas — estava como que esburgada pelo inverno, com a nudez da terra e dos troncos à mostra. Via-a bem, na luz seca, esbatendo-se gigantesca em direção a Canelli, onde o nosso vale acaba. Pela estradita que segue o Belbo cheguei ao parapeito da pequena ponte e ao canavial. Acima do declive avistei a parede do casinhoto de grandes pedras enegrecidas, a figueira torta, o janelo vazio, e fiquei a pensar naqueles invernos terríveis. Mas em volta as árvores e a terra tinham mudado; o maciço das avelaneiras desaparecido, reduzido a um restolho de milho. Na corte uma vaca mugia, e no frio da tarde senti o cheiro do estrume. Quem agora estava no casinhoto não era por isso tão desgraçado como nós. Tinha estado sempre à espera de qualquer coisa semelhante, ou de que talvez o casinhoto se tivesse desmoronado; tinha-me imaginado muitas vezes no parapeito da ponte

a perguntar-me a mim próprio como fora possível passar tantos anos naquele buraco, por aquelas poucas veredas, a guardar a cabra e à procura das maçãs que tinham rolado para o fundo da ladeira, convencido de que o mundo acabava na curva onde a estrada ficava a pique sobre o Belbo. Mas não estava à espera de não encontrar já as avelaneiras. Queria dizer que tudo tinha acabado. A novidade desanimou-me a tal ponto que não chamei, não entrei no terreiro. Compreendi ali mesmo o que quer dizer não ter nascido num lugar, não o ter no sangue, não estar ali já meio enterrado junto aos velhos, de tal modo que uma mudança de culturas não importe. Naturalmente, continuava a haver maciços de avelaneiras nas colinas, ainda lá as podia encontrar; eu próprio, caso fosse dono daquele campo, era capaz de o ter roçado e de pôr lá cereal, mas entretanto neste momento dava-me a sensação daqueles quartos na cidade que se alugam, onde se vive um dia ou anos, e depois quando nos mudamos ficam como cascas vazias, disponíveis, mortas.

Ainda bem que nessa tarde, voltando as costas a Gaminella, tinha de frente a colina do Salto, do outro lado do Belbo, com as cristas, com os grandes prados que desapareciam nos cumes. E mais abaixo também ela era toda de vinhas despidas, cortadas por campos, e os maciços de árvores, os caminhos, as quintas esparsas estavam como as tinha visto dia após dia, ano após ano, sentado em cima da trave nas traseiras do casinhoto ou sobre o parapeito da ponte. Depois, todos aqueles anos até ir para a tropa, em que tinha trabalhado como criado na quinta da Mora, na rica várzea do outro lado do Belbo, e o Padrino, vendido o casinhoto de Gaminella, ter ido com as filhas para Cossano, todos esses anos bastava levantar os olhos dos campos para ver abaixo do céu as vinhas do Salto, e também elas se iam esbatendo até Canelli, no sentido da linha férrea, do apito do comboio que tarde e manhã corria ao longo do Belbo fazendo-me pensar em coisas maravilhosas, em estações e em cidades.

Deste modo esta terra, onde não nasci, foi para mim durante muito tempo como se fosse o mundo inteiro. Agora que o mundo já o vi a sério e sei que é feito de muitas pequenas terras, não sei se em rapaz me enganaria assim tanto. Corre-se mar e terra, como a rapaziada dos meus tempos

andava pelas festas das aldeias em redor, e bailavam, bebiam, andavam à pancada, levavam para casa a bandeira e os punhos partidos. Colhem-se as uvas e vendem-se em Canelli; apanham-se as trufas e levam-se a Alba. É Nuto, o meu amigo do Salto, que fornece de selhas e de prensas de lagar todo o vale até Camo. Que quer isto dizer? É preciso ter uma terra, mais que não seja pelo gosto de a deixar. Uma terra quer dizer não estar só, saber que nas pessoas, nas plantas, no chão há alguma coisa de nosso, que mesmo quando lá não estamos fica à nossa espera. Mas não é fácil estar lá sossegado. Há um ano que a trago debaixo de olho e quando posso fujo de Génova, e ainda me escapa. Estas coisas compreendem-se com o tempo e a experiência. É possível que aos quarenta anos, com tudo o que vi do mundo, não saiba ainda o que é a minha terra?

Há uma coisa de que não me capacito. Aqui toda a gente tem ideia de que voltei para comprar uma casa, chamam-me o Americano, mostram-me as filhas. Para alguém que partiu sem sequer ter um nome, deveria agradar-me, e de facto agrada-me. Mas não basta. Também gosto de Génova, gosto de saber que o mundo é redondo e de ter um pé nas passarelas de embarque. Desde o tempo em que, ainda rapaz, na cancela da Mora me encostava à pá a escutar as conversas dos desocupados que passavam na estrada, para mim as pequenas colinas de Canelli são a porta do mundo. Nuto, que, em comparação comigo, nunca se afastou do Salto, diz que para levar a vida neste vale não é preciso sair dele. Logo ele que quando era novo tinha chegado a tocar clarinete na banda para lá de Canelli, até Spigno, até Ovada, para os lados de onde o sol nasce. Falamos disso uma vez ou outra, e ele ri-se.

II

Este verão hospedei-me no hotel do Angelo, no largo da vila, onde já ninguém me conhecia, grande e gordo como estou. E eu também não conhecia ninguém na vila; nos meus tempos raramente se vinha cá, vivia-se na estrada, pelos caminhos, nas eiras. A vila fica num ponto alto do vale, a água do Belbo passa diante da igreja meia hora antes de se alargar ao fundo das minhas colinas.

Tinha vindo para descansar uns quinze dias e calhou ser na altura da Festa da Assunção. Tanto melhor, o vaivém das pessoas de fora, a confusão e o barulho do largo teriam camuflado até um negro. Ouvi gritar, cantar, jogar à bola; com o escuro, fogueiras e foguetes; beberam, gargalharam, fizeram a procissão; a noite inteira durante três noites houve baile no largo, e ouviam-se os carros, os altifalantes, os estalos das espingardas de pressão de ar. Os mesmos ruídos, o mesmo vinho, as mesmas caras de antes. Os miuditos que corriam por entre as pernas das pessoas eram aqueles; os lenços da cabeça, as parelhas de bois, o perfume, o suor, as meias das mulheres nas pernas escuras eram aqueles. E as alegrias, as tragédias, as promessas na margem do Belbo. A diferença é que nesse tempo, com as poucas moedas do meu primeiro salário na mão, eu me tinha atirado para a festa, para o tiro ao alvo, os baloiços, fizemos chorar as rapariguinhas de tranças, e nenhum de nós sabia ainda porque é que homens e mulheres, rapazes de brilhantina no cabelo e raparigas soberbas, andavam aos encontrões, se agarravam, se riam na cara uns dos outros e bailavam uns com os outros. A diferença é que agora o sabia, e esse tempo tinha passado. Fui-me embora do vale quando mal tinha começado a sabê-lo. O Nuto que tinha ficado, Nuto o carpinteiro do Salto, o meu cúmplice das primeiras fugas para Canelli, tinha depois, durante dez anos, tocado

clarinete por todas as festas, por todos os bailes do vale. Para ele o mundo tinha sido uma festa contínua de dez anos, conhecia todos os beberões, os saltimbancos, as alegrias das aldeias.

Desde há um ano todas as vezes que faço a minha escapada passo a vê-lo. A casa dele fica a meia encosta no Salto, dá diretamente para a estrada; há um cheiro a madeira fresca, a flores e a aparas que, nos primeiros tempos da Mora, a mim, que vinha de um casinhoto e um pátio, me parecia um outro mundo: era o cheiro da estrada, dos músicos, das casas ricas de Canelli onde nunca tinha estado.

Agora Nuto era casado, homem feito, trabalha e dá trabalho, a casa dele continua a ser aquela e com o sol há um cheiro a gerânios e loendros, que tem em panelas nas janelas e à frente da casa. O clarinete está pendurado no armário; anda-se por cima das aparas de madeira; deitam-nas às cestas cheias na beira-rio abaixo do Salto — uma ladeira de acácias, fetos e sabugueiros, sempre sem água no verão.

Nuto disse-me que tivera de decidir — ou carpinteiro ou músico — e assim, depois de dez anos de festas, com a morte do pai largou o clarinete. Quando lhe contei onde tinha estado, disse-me que já sabia qualquer coisa por pessoas de Génova e que na aldeia agora contavam que antes de partir eu tinha encontrado uma panela de ouro debaixo do pilar da ponte. Rimo-nos.

— Pode ser que agora — disse eu — até o meu pai se mostre.

— O teu pai — disse ele — és tu.

— Na América — disse eu —, o que há de bom é que são todos bastardos.

— Isso — disse Nuto — também é uma coisa que devia mudar. Porque há de haver gente sem nome nem casa? Não somos todos homens?

— Deixa estar assim. Eu lá me safei, mesmo sem nome.

— Tu safaste-te — disse Nuto —, e ninguém se atreve a falar-te nisso; mas e aqueles que não se safaram? Não fazes ideia de quantos desgraçados ainda há por esses montes. Quando andava com a música, por todo o lado em frente às cozinhas lá estavam o idiota, o deficiente, o enjeitado. Filhos de alcoólicos e de criadas ignorantes, que os reduzem a

viver de troços de couves e de côdeas. Havia até quem se risse deles. Tu safaste-te — disse Nuto — porque bem ou mal encontraste uma casa; comias pouco em casa do Padrino, mas comias. Não se deve dizer os outros que se safem, deve-se é ajudá-los.

Gosto de falar com Nuto; agora somos homens e conhecemo-nos; mas dantes, nos tempos da Mora, do trabalho na quinta, ele com mais três anos do que eu já sabia assobiar e tocar guitarra, iam procurá-lo e era ouvido, conversava com os crescidos e connosco, os rapazes, piscava o olho às mulheres. Já nessa altura andava atrás dele e às vezes escapava-me da quinta para andar com ele pela margem ou dentro do Belbo, à caça de ninhos. Ele dizia-me como devia fazer para ser respeitado na Mora; depois à noite vinha até ao pátio passar o serão connosco na quinta.

E agora contava-me a sua vida de músico. Os lugares onde tinha andado tínhamo-los à nossa volta, de dia claros e com arvoredos ao sol, de noite ninhos de estrelas no céu escuro. Com os colegas da banda que ele instruía debaixo de um telheiro nos sábados à noite na Stazione, chegavam às festas ligeiros e desenvoltos; depois, durante dois ou três dias, não voltavam a fechar nem a boca nem os olhos — tira o clarinete vai o copo, tira o copo vai o garfo, depois outra vez o clarinete, a corneta, o trompete, depois mais uma garfada, depois mais um gole e o solo, depois a merenda, a ceia, o serão até de manhã. Eram as festas, procissões, casamentos; eram os despiques com as bandas rivais. Na manhã do segundo ou do terceiro dia desciam do estrado esgazeados, era um prazer enfiar a cara num balde de água e talvez atirar-se para cima da erva daqueles prados entre as carroças, carretas, e a bosta dos cavalos e dos bois.

— Quem pagava? — perguntava eu.

As câmaras, as famílias, os ricos, toda a gente. E no que toca a comer, dizia ele, eram sempre os mesmos.

O que comiam, era preciso ouvi-lo. Vinham-me à ideia os jantares de que falavam na Mora, jantares de outros lugares e de outros tempos. Mas os pratos eram sempre os mesmos, e ao ouvi-los tinha a impressão de estar de volta à cozinha da Mora, de ver de novo as mulheres a ralar, a

amassar, a recheiar, a destapar um tacho e a acender o lume, e vinha-me à boca aquele sabor, ouvia os estalidos das videiras ao quebrar.

— Para ti era uma paixão — dizia eu. — Porque paraste? Por o teu pai ter morrido?

E Nuto dizia que, primeiro, a tocar pouco se leva para casa, e depois todo aquele esbanjamento e nunca se saber quem paga, acaba-se por se ficar farto.

— E depois houve a guerra — dizia ele. — Se calhar as raparigas ainda tinham comichão nas pernas, mas quem havia de as fazer dançar? A gente divertia-se de outra maneira, nos anos da guerra. Mas gosto da música — continuou Nuto refletindo —, o único problema é que é um mau patrão... Torna-se um vício, tem de se largar. O meu pai dizia que é melhor o vício das mulheres...

— Pois — disse eu —, e como foi com as mulheres? Dantes gostavas. Aos bailes todas lá vão.

Nuto tem um modo de rir assobiando, mesmo quando ri a sério.

— Não forneceste o asilo de Alessandria?

— Espero que não — disse ele. — Por cada um como tu, quantos desgraçados.

Depois disse-me que, das duas, preferia a música. Faziam um grupo — às vezes calhava — nas noites em que voltavam tarde para casa, e era tocar, tocar, ele, o trompete, o bandolim, pela estrada fora no escuro, longe das casas, longe das mulheres e dos cães, que respondem como doidos, a tocar assim.

— Serenatas nunca as fiz — dizia ele —, uma rapariga, se é bonita, não é a música que ela procura. Procura é fazer figura diante das amigas, procura o homem. Nunca conheci uma rapariga que compreendesse o que é tocar...

Nuto apercebeu-se de que eu me ria e disse logo a seguir:

— Vou contar-te uma. Tinha um músico, o Arboreto, que tocava bombardino. Fazia tantas serenatas que até diziam dele: aqueles dois, em vez de falarem, tocam...

Estas conversas passavam-se na estrada, ou à janela dele a beber um copo, e em baixo tínhamos a várzea do Belbo, os choupos que assinalavam aquele fio de água, e diante de nós a grande colina de Gaminella, toda vinhas e manchas de campos. Há quanto tempo não bebia daquele vinho?

— Já te disse — perguntei a Nuto — que o Cola quer vender?

— Só a terra? — disse ele. — Tem cuidado que ainda te vende a cama também.

— De palha ou de penas? — disse eu entre dentes. — Estou velho.

— Todas as penas acabam em palha — disse Nuto. Depois, atira-me: — Já foste dar uma olhadela à Mora?

Precisamente. Não tinha ido. Ficava a dois passos da casa do Salto e não tinha lá ido. Sabia que o velho, as filhas, os rapazes, os criados, todos se tinham dispersado, desaparecido, uns mortos, outros longe. Só ficara o Nicoletto, aquele sobrinho idiota que tantas vezes me chamara bastardo batendo o pé, e metade daquilo fora vendido.

Respondi:

— Vou lá um dia destes. Acabei de chegar.